

Eleonora Duvivier
1974

instituto de arte contemporânea



ELEONORA

Agradeço a Lúcio Costa conhecer ELEONORA DUVIVIER, uma jovem pintora, menina quase, que tem uma carinha de fada e uma arte de de bruxaria.

Poucas vezes tenho visto o horror do humano ser tão virtualizado. Não se trata da pintura do terror como gênero, amparada numa linguagem de símbolos ou no bestiário tradicional, demonológico.

ELEONORA não excede a figura humana, nem recorre à representação de outra coisa que não seja a criatura na vivência do pathos, sofrida e dilacerada.

Seria, pelo limite de sua representação restrita à figura, uma expressionista - e com esta aligeirada codificação entenderíamos a deformação de suas imagens como recurso plástico da expressividade. Surpreendentemente o seu recurso deformista supera o compromisso expressionista, projeta-se e se transpõe à mutilação e até à evisceração.

E é nesta ruptura entre deformação e flagelação que ELEONORA se diferencia da influência de seu mestre IVAN SERPA, de quem foi discípula nos anos de 1971-72.

Perguntei a ELEONORA se conhecia Francis Bacon, e ela me disse que sim, através diapositivos que lhe foram mostrados por IVAN SERPA, pois ele ensinava mediante abordagem crítica a fim de mostrar ao discípulo os caminhos já percorridos da mesma temática escolhida.

A presença de IVAN SERPA, como mestre, é o que mais explica o destemor desta sua aprendiz em refletir a flagelação, numa analogia de iniludível pessimismo.

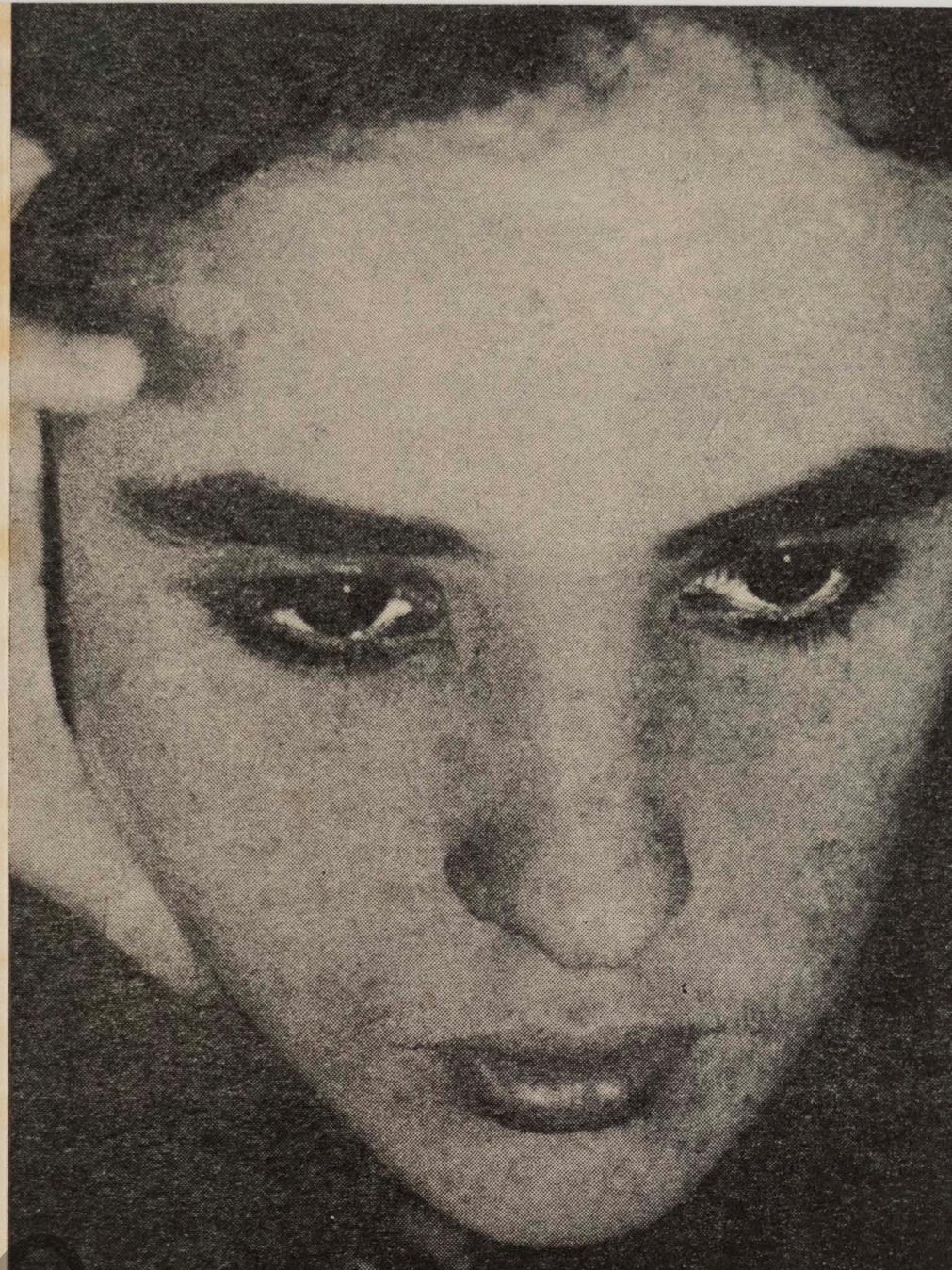
Em nenhuma vez ELEONORA abre uma réstea de esperança para a condição humana. Vizualiza-a no mártir esquartejado, no Cristo da expiação ou na conjunção de dois flagelos.

Transcende, de toda essa figuração do horrendo, um halo de religiosidade. ELEONORA tem muito que caminhar, apenas chegou e se descobriu para mostrar a alma que traz. Diante do seu texto me perco absorto e não sei fazer o que IVAN SERPA sabia: abrir mais exemplos de trilhas percorridas, indicando o que ainda falta ou o que já é impróprio.

Eu me quedo espantado porque vejo os velhos divertidos fazerem doces mentiras enquanto anjos pressagiam. Nisto é que se vê a grande marca do jovem.

O engodo e o disfarce são atributos do velho. O domínio técnico, a sutileza dos processos, os segredos da pintura - se assim quiserem chamar - são instrumentos daqueles atributos.

Ao jovem restou a nudez.



«O tempo é um constante desafio à vontade, à realização. A matéria e o espírito estão sempre em luta, como a agressividade e o afeto estão sempre juntos.

Vejo nesta contradição a figura humana e, destruindo a sua forma pelo que desenho, tento encontrar a linguagem de uma identificação com o meio, ou seja: a satisfação como resultado de uma carência, o prazer como consequência da dor, como a paz só existe com o fim da guerra.»

ELEONORA DUVIVIER

ELEONORA DUVIVIER

Nasceu no Rio de Janeiro em 10 de outubro de 1953.

1º prêmio de pintura em concurso promovido pelo MEC com o quadro «Mula Sem Cabeça», 1960;

Estudou com Ivan Serpa durante 2 anos, expondo no MAM numa coletiva de seus alunos, em 1960;

Coletiva de caricaturas com a família em 1973.

Individual no MAM - 1974.

Pintura de estilo expressionista; faz também retratos.